

POEMAQUI

PEDRO WILLGNER

Pedro Willgner (24 anos) nasceu em Brasília. Graduado em Letras - Português e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), é poeta e professor de língua portuguesa. Possui poemas esparsos em revistas como Aboio e Sarabatana.

Quando se pensa o corpo, o pensamento sobre o "aqui" se faz complexo à medida em que se leva em consideração o "estar em cena" temporal e espacialmente. Quer dizer: o estar no espaço seria algo sobre se posicionar em algum lugar ou se localizar neste lugar? Quem diria o corpo seria sua própria delimitação ou, previamente, o espaço em que se encontra? Para além disso, o tempo "aqui e agora", restritamente preciso e limitado, não seria apenas uma redução de tantos fragmentos permeados por uma ficcionalidade que pensamos para as lacunas que encontramos (lacunas que também podem ser sentidas nesses corpos, que nunca conseguem se restringir a um espaço circunscrito)?! A proposta foi fazer esse passeio por um corpo que se sente a partir de lances de sensibilidade e afetação aguda mediante os músculos e pensar o quão disso seria "próprio" do corpo que sente, e quanto seria resposta de uma memória não tão fugidia. No fim, o "aqui" nunca se concretiza pleno, e o que subjaz seria o método mais próximo de dizer o corpo no espaço e no tempo: um acúmulo desses arrepios, formigamentos e adormecimentos da materialidade.

memória,
corpo,
frio.

[7/3, 10:58 PM]

me valendo da cor da caneta azul claro
presente de aluna em tom meio português um
ciano difícil
faço um círculo no calendário à quinta-feira

quinta feira — dia sete — a noite
quinta feira — dia cinco — o silêncio na noite
quinta feira — dia nove — anoto conforme o silêncio circunspecto
à noite
à noite :

*estou em silêncio
sobre uma marca de investigação debaixo do chuveiro
contorço minhas costas para caber
caíndo
dentro da torrente gelada*

destaco a data do mesmo jeito que as pessoas cerceiam uma área
do jeito tal
qual das bordas de uma piscina
numa só rajada o perímetro
sua extensão
insuficiente à toda a minha causa e consequência

o azul me dirá tudo

entrar no chuveiro gelado é
antes de tudo meu
método
de alongamento e
contração das costas
intumescendo as coxas rígidas dedos
dos pés batendo as pontas
unhas flexibilizando costelas
numa graça ainda tão pequena...

uma delicadeza ainda tão pequena
não menos primitiva
de se relembrar o corpo competindo suas distâncias na torrente

quando penso nas distâncias
penso na minha amiga aline
qual o exato momento durante o nado ela em específico deve esquecer o
[comprimento de uma borda à outra
o ponto
em que os rasgos n'água são muito mais importantes às costas
suas escápulas
que imagino tão frágeis parecendo anjos se abrindo se
fechando asas
debatendo às geleiras minúsculas do tecido

os tecidos :
quando me perco de costas
imaginando meu plexo bem pequeno a
dorsal mínima
lembro que desenvolvi uma dor fantasma no tecido da escápula espinhal
uma dormência da mesma maneira
com que se disfarça a violência na pele —
sua extensão
uma afetação meio sem juízo
descargas elétricas compondo a cena os
ombros
numa dobra sob a pele num desleixo que só
sem traquejo neste ponto cego

estou buscando ao longo dos dias em segredo
reanimar os tecidos
me suspendendo os membros aos banhos gelados
o banheiro e cada ladrilho seu desnivelado
desalinhados numa cor degelo

este azul desbotado
me debatendo pequenez na água
ainda me dirá tudo

quinta-feira de noite
água gelada me lembra

1. aline
2. um músculo perdendo a sensibilidade
3. minha mãe

minha mãe
toda a sua paciência em banhar conforme
cada gota cada pasto das suas costas
se entrecortando por canaletas

pés firmes
nunca a vi pulando o corpo
debatendo contra a parede quão forte o atrito
quão forte o rebento
como a mim

quinta feira — dia seis — edito esse poema
o visito pensando naquela quarta-feira oito e quatorze da manhã horário
[de Brasília dia de céu cor difícil
matiz que se recusam a dizer pois o clima
não era algo que valesse marcação

you sabe quão fria sua mãe estava
quando you nasceu
you se lembraria se pudesse
da carne exposta na maca todo o tom fraco de pele
próximo ao tecido voil transparente da sala de observação

sem tinta ciano
sem a minha avó austerando cada cômodo durante minha gestação
vejo as costas da minha mãe pelas fotos da gravidez
ela magra sem sustento à lombar pequena
a sala de casa escura
o sofá pequeno no canto direito onde tudo o que ela comia
era sorvete de abacaxi

ninguém nunca soube me dizer quantos graus fazia durante o parto
durante o parto
minha mãe quase morreu
o seu quadro de pneumonia a deixou fraca
instável
oscilando
o corpo debatendo pequeno acho contra a cama quão
forte o atrito
quão forte o rebento de caber igual uma torrente dentro do hospital

amo sorvete de abacaxi
amo ficar me iludindo comendo os pedaços da fruta do mesmo modo
com que já engoli moedas areia massinhas giz pastel chiclete pelas tardes
[sozinho enquanto criança
às vezes que me arremessaram ao hospital como consequência dos
[meus atos
às vezes em que cada arremesso do meu corpo lançado à casa
serviu à boca um aviso
de uma criança qualquer tentando marcar
nem que fosse pelo dente
uma rota de fuga
tremeliqueira dos ossos debatendo
desde aquela quarta feira dia
dezessete
em que você me viu em
silêncio